

ROMANCES DE ARRANHA-CÉU: A CIDADE MODERNA E A DICÇÃO LÍRICO AMOROSA EM ORESTES BARBOSA

Lucas Assis de Oliveira, Joao Ernani Furtado Filho

O presente trabalho se concentra na análise das letras de Orestes Barbosa, em vista dos registros sonoros dos anos de 1930 a 1940, e de sua "poesias escolhidas", publicadas em volume no ano de 1965, pelo editor J. Ozon, em razão do IV Centenário do Rio de Janeiro. Neste ponto, vale dizer, o letrista não se aparta do cronista, do homem do jornal, e a cidade, o Rio moderno, incide diretamente na sua obra - ou, como registra Millôr Fernandes, foi também por ele inventado, uma vez que sua crônica/letras se concentram no período de grandes "transformações" na então Capital Federal, como a derrubada do Morro do Castelo e, depois, a abertura da Av. Presidente Vargas. Para esta apresentação, destacamos do repertório de Orestes Barbosa, entre outras letras, as seguintes valsas, sambas e canções, "Arranha-céu" (1937), "Saudade do arranha-céu" (1933), Bungalow (1930), "Meu erro" (1930) e "Flor do asfalto" (1931). As letras de canções de Orestes Barbosa revelam a coincidência desgraçada de um destino, o amor sufocado pelo arranha-céu e pelo asfalto, um sujeito lírico abandonado por uma mulher interesseira e cruel. Em vista da literatura do período, a exemplo de Benjamin Costallat e Marques Rebelo, por exemplo, a dicção lírico amorosa de suas letras repete se repete como paradigma da cidade; ou melhor, como cidade-mulher, em meio a atração e a repulsa, dilema que não quer dizer, porém, uma recusa às promessas do "progresso", embora exponha suas (amorosas) contradições.

Palavras-chave: Orestes Barbosa. samba. Rio de Janeiro. crônica.